

# A América Portuguesa na Obra de Charles Boxer Nos Meandros da História e da Historiografia

ALBERTO LUIZ SCHNEIDER\*

É preciso lembrar que, a partir das décadas de 1930 e 1940, o pensamento intelectual brasileiro – marcadamente a historiografia – foi impactado pela obra de três grandes intelectuais: Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Caio Prado Júnior (1907-1990). A seu modo, eles foram capazes de oferecer respostas próprias para a compreensão do período colonial, profundamente marcada pelo debate intelectual (e político) brasileiro. Nesse artigo, pretende-se indagar o modo como Boxer leu a experiência colonial portuguesa na América, partindo de uma agenda historiográfica orientada por outros lugares e perspectivas.

## O BRASIL VISTO DE FORA

Charles Boxer não foi um brasilianista,<sup>1</sup> no sentido que usualmente se dá ao termo no Brasil, tal como foram Richard Morse (1922-2001), Warren Dean (1932-1994), Robert Levine (1941-2003), Thomas Skidmore (1932) e tantos outros historiadores e cientistas sociais que, a partir de universidades norte-americanas, receberam bolsa de estudos para pesquisar

o Brasil e a América Latina, beneficiando da política externa dos Estados Unidos e do esforço de boa vizinhança em relação ao sul do continente, no contexto da Guerra Fria.<sup>2</sup> Em primeiro lugar, embora tenha vivido todo o século xx, Boxer foi um homem formado na sua primeira metade. Em segundo lugar, não enxergou a colonização portuguesa a partir dos Estados Unidos, mas de Inglaterra, no momento do ocaso do Império Britânico. Em terceiro lugar, Boxer investigou e narrou o Império Português a partir da Ásia, marcado por um olhar imperial e multicontinental.

Se insistirmos em inserir Boxer numa tradição intelectual, não seria na dos brasilianistas supracitados, marcados pela historicidade da segunda metade do século xx, nem ele aos intelectuais franceses que tiveram importantes relações com o Brasil. Lista que vai de Ferdinand Denis (1798-1890), que, no século xix, escreveu várias obras sobre o Brasil,<sup>3</sup> passa por Henri Hauser (1866-1946) historiador e geógrafo que leccionou no Rio de Janeiro na década de 1930,<sup>4</sup> e chega à significativa presença de Pierre Verger (1902-1996), nome inseparável da historiografia sobre a Baía.<sup>5</sup> Ou ainda de intelectuais vinculados ao ambiente universitário, que estiveram no Brasil e foram impactados pela experiência pessoal e intelectual no país, como Roger Bastide (1898-1975),<sup>6</sup> Fernand Braudel (1902-1985)<sup>7</sup> e Claude Lévi-Strauss (1908-2009).<sup>8</sup> Nenhum desses percursos lembra o perfil e a trajetória de Charles Boxer.

Antes, faria sentido acomodá-lo na tradição dos historiadores britânicos interessados no mundo luso-brasileiro, como o foi o caso do poeta romântico Robert Southey (1774-1843), que publicou uma *História do Brasil*, entre 1810 e 1819 e pretendia

Johann Baptist Homann, Mapa do Brasil (pormenor da carta de Portugal e Brasil), início do século xviii.

\* Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil, com pós-doutoramento no King's College, Londres, e no Departamento de História da Universidade de São Paulo. Leccionou na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Publicou o livro *Silvio Romero hermenêutica do Brasil* (São Paulo: Annablume, 2005) e diversos artigos no Brasil e no exterior.

Ph.D. in History from the University of Campinas, Brazil, with postdoctoral studies at King's College, London, and the Department of History, University of São Paulo. He has lectured at the Tokyo University of Foreign Studies. He published the book *Silvio Romero hermenêutica do Brasil* (São Paulo: Annablume, 2005) and several articles in Brazil and abroad.



## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

## IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

escrever uma História de Portugal e do seu império, o que nunca aconteceu.<sup>9</sup> Ou ainda do comerciante John Armitage (1807-1856), autor de *The History of Brazil from the Period of the Arrival of the Braganza Family in 1808, to the Abdication of Don Pedro the First in 1831*, obra de 1836.<sup>10</sup> Cabe ainda lembrarmos o antecessor de Boxer no King's College, Edgar Prestage (1869-1951), o principal lusófilo inglês da viragem do século XIX para o XX. Prestage, historiador da diplomacia da Restauração, foi autor de livros importantes, como *The Diplomatic Relations of Portugal and England from 1640 to 1668* e *The Diplomatic Relations of Portugal with France, England and Holland from 1640 to 1668* (ambos de 1925) e o não menos importante *The Portuguese Pioneers* (1933).<sup>11</sup> Aliás, é o próprio Boxer quem retrata o seu antecessor no King's College em artigo de 1959, intitulado “Edgar Prestage, 1869-1951”,<sup>12</sup> implicitamente filiando-se a essa tradição. Para Evaldo Cabral de Mello, Boxer acabou por realizar o “ambicioso plano” do seu compatriota Robert Southey, através “de um longo périplo historiográfico que lhe permitiu abranger, imparcialmente, da epopeia à picaresca, a presença lusitana no mundo”.<sup>13</sup> Para fecharmos o círculo historiográfico – de britânicos interessados no “mundo que o português criou”, para usar a expressão consagrada de Gilberto Freyre – convém citarmos a síntese da obra de Boxer escrita por outro historiador inglês, Kenneth Maxwell:

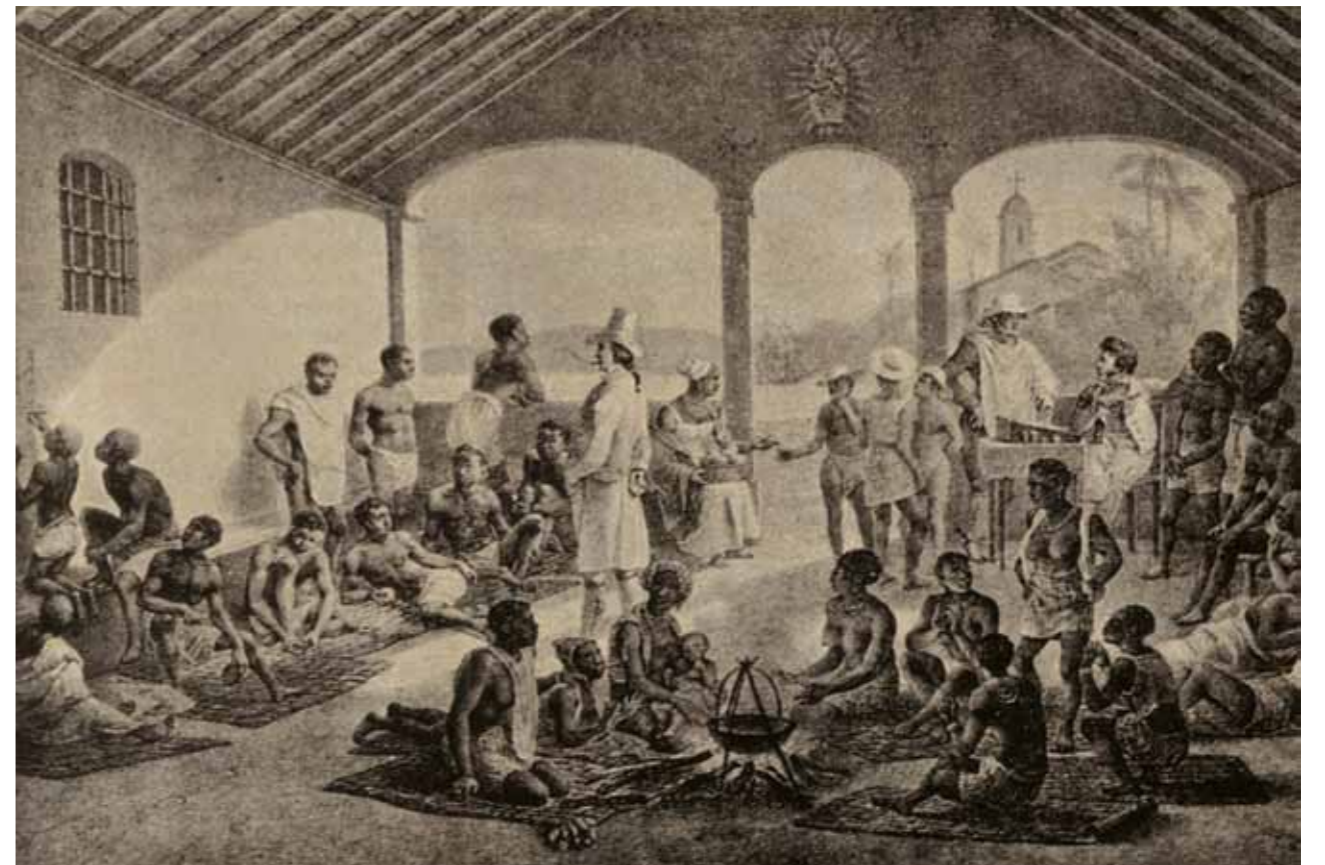
“To generations of historians of the Portuguese-speaking world C.R. Boxer was a true colossus. His highly original, pithy, and path-breaking books, monographs, and articles flowed forth with seeming effortless. Boxer's works covered the history of early European intrusions into Japan and China during the sixteenth century, and splendid accounts of the opulence and decline of Goa, seat of Portugal's empire in Asia. In over 350 publications, all of the highest order of scholarship, Boxer wrote on sixteenth-century naval warfare in the Persian Gulf, the tribulations of the maritime trading route between Europe and Asia, a sparkling overview of Brazil during the eighteenth century in the age of gold strikes and frontier expansion, magnificent syntheses of both Dutch and Portuguese colonial history, as well as and many pioneering comparative studies of local municipal institutions in Asia, Africa, and South America, race relations, and social mores”.<sup>14</sup>

Como se pode ver, trata-se de um percurso singular. Quando Boxer – um major do Exército britânico que havia sido prisioneiro de guerra dos japoneses em Hong Kong – se torna um académico já era um homem de 43 anos, com experiência no serviço de inteligência do exército, onde actuou como tradutor e intérprete de diferentes idiomas, inclusive o japonês. A partir 1947 esteve à frente da Cadeira Camões de Estudos Portugueses, do King's College Londres, onde permaneceu até 1967, embora jamais tenha tido formação académica no sentido estrito da palavra. Boxer não foi apenas um notável historiador que, ao longo da vida, publicou mais de trezentos textos, entre livros e artigos, mas também um bibliófilo e coleccionador de documentos antigos.<sup>15</sup> Após a sua aposentação no King's College, em 1967, Boxer cedeu uma prestigiosa colecção de documentos e obras raras, em grande parte referentes ao Império Português, à Lilly Library (Campus de Bloomington), pertencente à Universidade de Indiana, onde servira como conselheiro e professor visitante entre 1969 e 1972. Mais tarde, ocuparia a cadeira de história da Expansão Europeia na Universidade de Yale.

## DA ÁSIA AO ATLÂNTICO SUL DO SÉCULO XVII

Se até 1947 não era um historiador profissional, já era um erudito, cujos olhos e interesses estiveram, como muitos ingleses da sua geração, voltados para a Ásia. A história da presença portuguesa no Oriente foi a sua primeira paixão historiográfica. Se a Ásia foi o ponto de partida da sua actuação como historiador, o ponto de chegada foi a publicação, em 1969, da sua grande obra de síntese, *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825*.<sup>16</sup> Stuart Schwartz considera o historiador inglês o principal responsável pela introdução do Império Português na historiografia de língua inglesa. Porém, de todas as peculiaridades de Boxer, a sua erudição é a característica mais notada por quem quer que se interesse pela sua obra. Para Schwartz,

“ninguém teve melhor domínio de crónicas, gramáticas, cânticos, peças de teatro, narrativas e histórias numa perspectiva imperial do que Boxer; e a maneira como ele conseguia fazer uso de um texto desconhecido relativo à Etiópia ou Macau para esclarecer um acontecimento ou um episódio no Maranhão ou na Baía diferenciava o seu trabalho”.<sup>17</sup>



Mercado de escravos, in J. Moritz Rugendas, *Voyage pittoresque dans le Brésil* (Paris: Engelmann, 1835).

*Fidalgos in the Far East, 1550-1770: Fact and Fancy in the History of Macao*,<sup>18</sup> publicado em 1948, e *The Christian Century in Japan, 1549-1650*,<sup>19</sup> editado em 1951 pela prestigiada Universidade de Michigan, estão entre os grandes livros de Boxer dedicados à Ásia. Não é objectivo deste artigo aprofundar as vastas relações de Boxer com o Extremo Oriente, mas convém lembrarmos que Boxer já havia publicado inúmeros artigos sobre o assunto, inclusive *Jan Compagnie in Japan, 1660-1817* (1936).<sup>20</sup> Estas obras garantiram a Boxer a reputação de historiador especializado na presença portuguesa no Oriente.

No entanto, a partir da década de 1950 percebe-se uma sensível mudança de foco. De acordo com Dauril Alden, o historiador britânico “esteve-se preparando por muitos anos para escrever sobre alguns aspectos da história do Brasil”.<sup>21</sup> Desde a década de 1930, Boxer colecionava documentos e obras raras sobre o século XVII, sobretudo a respeito das invasões holandesas no Brasil açucareiro, naquela altura integrante das

possessões dos Habsburgos espanhóis, contra quem os batavos estavam em luta política e comercial. Entre as suas primeiras aquisições estiveram *Nova Lusitânia: história da guerra brasílica*, de Francisco de Brito Freyre, publicado em Lisboa em 1675, e *Empresa e restauração de Pernambuco & das capitânias confiantes*, de Raphael de Jesús e Castrioto Lusitano, também publicado em Lisboa, em 1679. A emergência do Atlântico Sul lusitano, no século XVII, passa a ocupar o centro das atenções de Boxer, através de importantes pesquisas acerca da ocupação holandesa no Brasil e vicissitudes da América portuguesa, atento na centralidade do tráfico de escravos e consequentes relações com Angola, bem como nos contactos entre o império português e o espanhol, entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires.

Desse deslocamento historiográfico – da Ásia para o Atlântico Sul – que emula o próprio deslocamento do dinamismo do Império Português, nasceram dois dos mais importantes livros de Boxer: *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-*

## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

-1686,<sup>22</sup> publicado em 1952, e *The Dutch in Brazil, 1624-1654*,<sup>23</sup> obra que veio a lume em 1957. Para Joaquim Romero Magalhães, são “livros excelentes, que continuam a ser essenciais para se entender o Brasil, Portugal e os Países Baixos. E, sobretudo, as dinâmicas da economia atlântica em construção e as políticas europeias do XVII”.<sup>24</sup> Francis Dutra considera *Salvador de Sá* o melhor livro publicado em língua inglesa sobre o período. Não se trata de uma biografia convencional, mas a história de um homem, do seu mundo e da sua época. Eis um amplo repositório de informações sobre a história de Portugal, de África, de Angola, da América portuguesa – e das suas conexões com a América hispânica, particularmente o Paraguai, Potosí e Tucumán.<sup>25</sup>

Salvador Correia de Sá e Benevides (1602-1688) – o personagem que ocupa o centro da trama, que é uma história do Atlântico Sul no século XVII – descendia da família dos fundadores do Rio de Janeiro, Mem de Sá e Estácio de Sá e era neto de Salvador Correia de Sá (1540/47-1631), *o Velho*, natural de Coimbra, que também havia sido governador-geral do Rio de Janeiro. Salvador Correia de Sá e Benevides nasceu em Espanha, em 1602, durante a União Ibérica (1580-1640), tornando-se uma das mais importantes figuras do ultramar no século XVII, chegando, já no fim da vida, ao Conselho Ultramarino. É o próprio Boxer quem resume o seu personagem: “foi caçador de índios, ‘puruleiro’, cultivador de cana-de-açúcar e traficantes de escravos por um lado; almirante, general,

governador e experiente estadista por outro”.<sup>26</sup> A reconquista de Angola, em 1647, foi um dos capítulos mais importantes na vida de Salvador de Sá e do próprio Império Português, pois aquele contexto foi particularmente dramático, na medida em que estavam em disputa parte da América portuguesa, invadida pelos holandeses, Angola, vital para o abastecimento de escravos, e a própria Restauração (1640), ainda claudicante.

No livro, a actuação dos Jesuítas é constantemente abordada, inclusive porque a Companhia apoiou a restauração portuguesa. O entusiasmo de Salvador de Sá pelos padres jesuítas, como se sabe, não foi compartilhado pela maioria dos colonos, entre outras razões, por se oporem à escravidão indígena. A temática foi uma antiga obsessão de Boxer, que tencionava escrever sobre Antonil,<sup>27</sup> o que jamais aconteceu. Além de Antonil, por longos anos, Boxer acalentou a expectativa de escrever uma biografia do Pe. António Vieira, que considerava a figura mais destacada do mundo português do século XVII.<sup>28</sup> Para Dauril Alden, “dos nove livros que Boxer pretendeu escrever e nunca completou, o seu projecto Vieira, um complemento perfeito de *Salvador de Sá*, é provavelmente a nossa maior perda.”<sup>29</sup> Esse tema viria a ser explorado pelo próprio Dauril Alden,<sup>30</sup> historiador norte-americano muito influenciado por Boxer.

Não há espaço para analisar com acuidade um livro do porte de *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola*, mas é importante lembrar que Boxer antecipa em várias décadas o que hoje é um dos principais aspectos das investigações sobre o Brasil colonial, fundamentalmente as relações entre os poderes locais e a Coroa, ou entre metrópole e a colónia e a formação de redes de interesse e poder, tema que reaparecerá em vários outros textos, especialmente em *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda, 1510-1800* (1965).

Não se pode esquecer, que *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola* e *The Dutch in Brazil, 1624-1654* são obras profundamente interligadas. Neste segundo título, Boxer evidencia o esforço holandês em fundar um império no Atlântico Sul, arrancando dos portugueses o controle do comércio de açúcar do Brasil e de escravos da África Ocidental. O conflito luso-holandês foi também asiático, naquelas paragens vencido pelos holandeses, mas o epicentro da disputa esteve no Atlântico Sul, cujas batalhas se deram tanto

## IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

nas margens americanas do Atlântico, em Pernambuco e outros locais da América portuguesa, como na costa africana, particularmente em Angola. Boxer enfatiza um aspecto que a historiografia de Pernambuco enfatizaria nas décadas seguintes: a guerra contra os holandeses na América do Sul foi vencida, em grande parte, pelos luso-brasilícos, que lutavam pelas suas “vidas e fazendas”, ou seja, que lutavam pela sua religião e seus interesses concretos. As quase 500 páginas do livro dedicado à presença holandesa no Brasil conferem de modo pioneiro visibilidade à emergência do Atlântico Sul no século XVII, assunto até então ignorado ou desvalorizado nas historiografias de línguas portuguesa e inglesa. *The Dutch in Brazil* – até à publicação de *Tempo dos Flamengos*,<sup>31</sup> de José António Gonsalves de Mello, e de *Olinda Restaurada*,<sup>32</sup> de Evaldo Cabral de Melo, – foi a grande referência acerca do período holandês no Brasil e, para o próprio Evaldo, continua a ser:

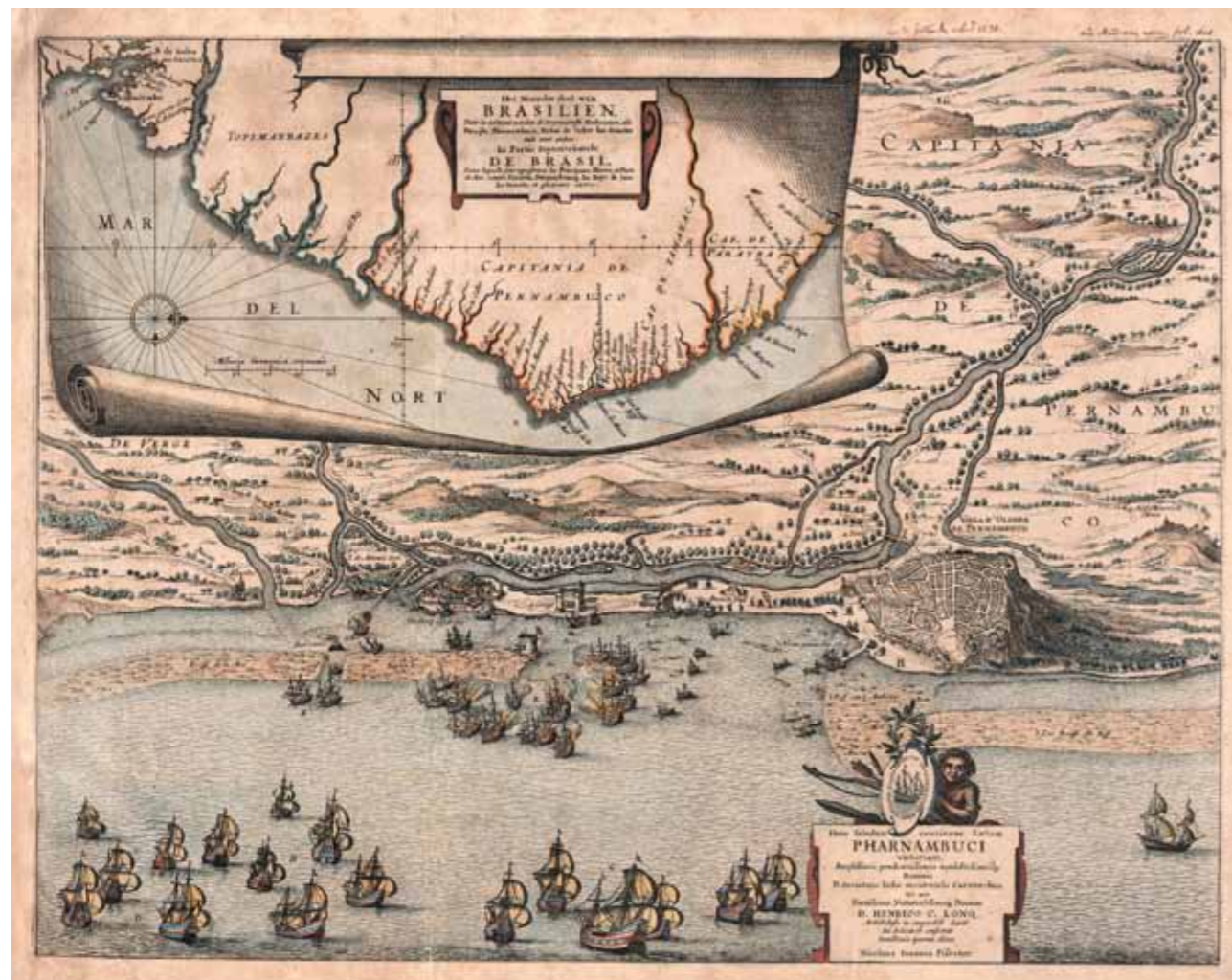
“Quem desejar adentrar-se nos labirintos da história do Brasil holandês, pode percorrer a síntese de C. R. Boxer, *The Dutch in Brazil, 1624-1654*. Ela oferece ainda a melhor visão de conjunto do período, embora tenha sido publicada há pouco mais de cinquenta anos...”<sup>33</sup>

A década de 1950 está entre os anos mais produtivos de Charles Boxer. Além dos livros comentados, o historiador publicou ainda dezenas de artigos e três outros livros: *South China in the Sixteenth Century* (1953), *The Great Ship from Amacón: Annals of Macao and the Old Japan Trade, 1555-1640* (1959) e *The Tragic History of the Sea* (1959), expressando a continuidade do seu interesse pela presença lusitana no Oriente. Os anos cinquenta, no entanto, marcam a viragem “brasileira” de Boxer que culminaria com a publicação, em 1962, *The Golden Age of Brazil: Growing Pains of a Colonial Society, 1695-1750*,<sup>34</sup> fechando a trilogia dos grandes livros dedicados ao Brasil colonial.

## THE GOLDEN AGE OF BRAZIL

“A idade de ouro do Brasil” é um duplo da “idade do ouro”, tempo marcada pela penetração para o interior, processo que vinha desde o século XVII, mas consolidado no século XVIII, com a mineração e o surgimento de vilas a milhares de quilómetros do litoral, sobretudo em Minas Gerais, colonizadas a partir das zonas antigas de povoamento, localizadas no litoral, à excepção da vila de São Paulo. Antes de Boxer,

Esquadra holandesa, sob o comando de Hendrick Corneliszoon Lonck, frente a Pernambuco em 1630, segundo N. J. Piscator.



## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

## IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

Gilberto Freyre havia-se referido ao século XVIII como o tempo mais sertanejo da história brasileira, no qual se teria acentuado uma singularidade luso-americana, fenómeno que caracterizaria a sociedade e a cultura luso-brasileira até às raias do século XIX, quando se imporia a tendência da reeuropeização.<sup>35</sup>

*O conflito luso-holandês foi também asiático, naquelas paragens vencido pelos holandeses, mas o epicentro da disputa esteve no Atlântico Sul, cujas batalhas se deram tanto nas margens americanas do Atlântico [...] como na costa africana, particularmente em Angola.*

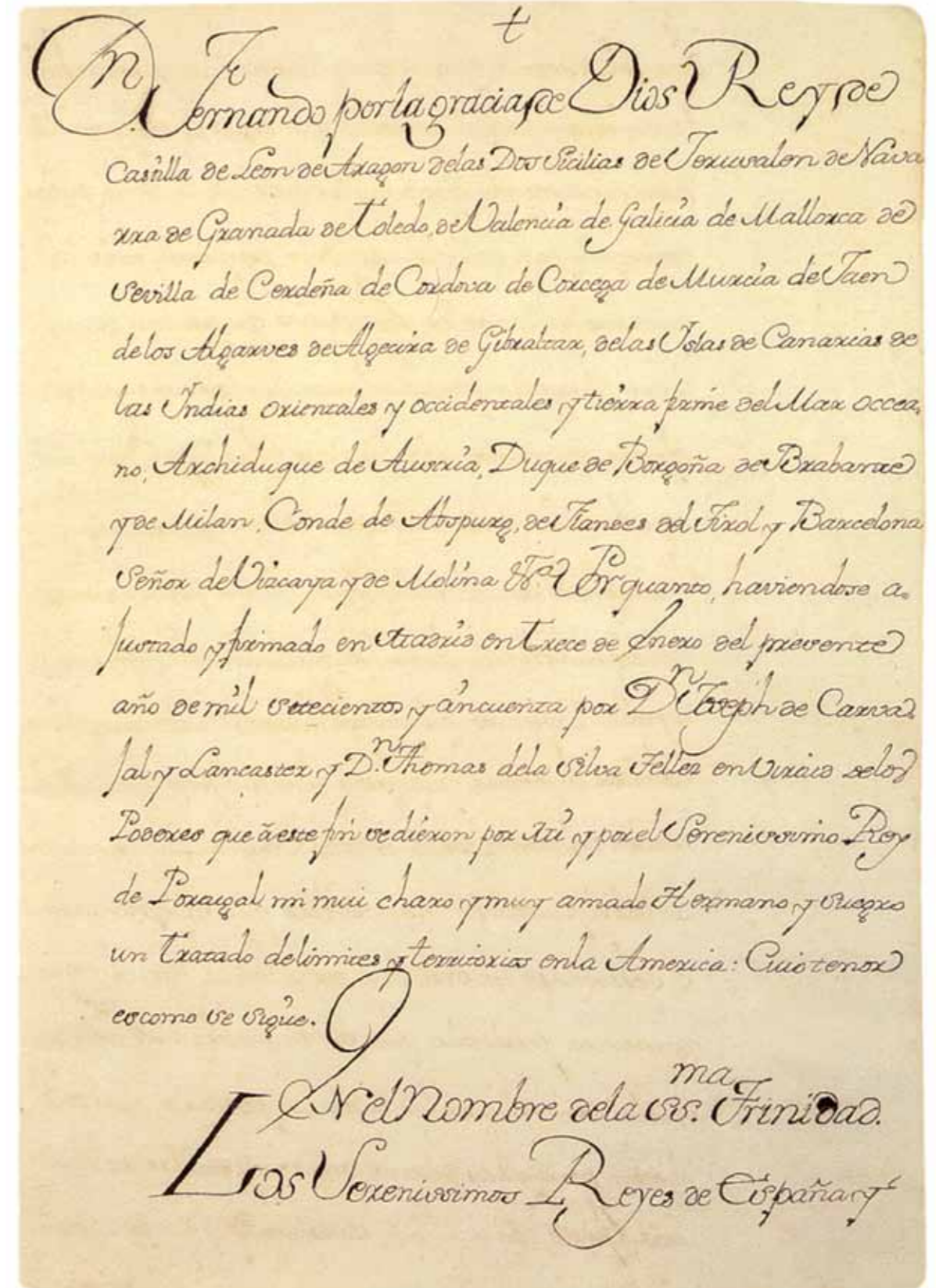
*The Golden Age of Brazil* não é um livro sobre o ouro das Gerais apenas, mas um imenso painel da América portuguesa no século XVIII, cujo impacto da descoberta do metal precioso alterou profundamente todo espaço colonial. Bem ao estilo de Boxer, afeito a grandes painéis, de pinceladas largas e horizontais, o livro é muito diferente dos textos contemporâneos, geralmente nascidos de teses universitárias, de pensamento vertical. O primeiro capítulo chama-se, significativamente “I - Império do Atlântico Sul”, o que dá bem a noção de continuidade em relação a *Salvador de Sá* e *The Dutch in Brazil*. *The Golden Age of Brazil*. Além dos capítulos dedicados a Minas Gerais (“II - O Ouro das Minas Gerais”, “III - Paulistas e Emboabas”, “VII - Vila Rica de Ouro Preto” e “VIII - Distrito Diamantino”), aborda, no capítulo IV, “Os Franceses no Rio de Janeiro”, a invasão da cidade, entre 1710 e 1711 e as suas conexões com as guerras de sucessão na Espanha da época. O capítulo V trata da luta entre “Senhores de Engenho e Mascates”, em Pernambuco, enfatizando as rivalidades entre a chamada nobreza da terra e os comerciantes reinóis, que culminariam em conflito, também em 1710-1711. No capítulo VI, Boxer

descreve a “Bahia de todos os Santos”, traçando um interessante panorama da cidade, com as suas igrejas, mosteiros, instituições da cidade alta, e o comércio da cidade baixa. No capítulo IX, aborda “As Vacarias”, dos sertões da Baía e do Piauí às do continente do Rio Grande, demonstrando a crescente importância da pecuária; no X, “Fronteiras Movediças e Monções”, Boxer mostra quão porosas e móveis eram as fronteiras entre os impérios ibéricos na América do Sul; no XI, “Missionários e Moradores na Amazónia”, descreve as missões, a luta pelo trabalho indígena e o avanço lusitana na região. No XII e último capítulo, Boxer aborda “A América Portuguesa por volta de 1750”, da cartografia aos sertões, dos antecedentes do Tratado de Madrid às frotas e comboios brasileiros e contrabando.

Na formação das Gerais, Boxer valoriza o surgimento das vilas que, diferentemente da concentração económica, política e eclesiástica numa única urbe (como foi o caso da Baía), difere Minas das demais capitânias. Razão pela qual a vida cidadina foi mais intensa do que em outras áreas do Brasil. Boxer sugere também que a descoberta de ouro em Minas tornou possível a ocupação, em bases sólidas, de uma imensa área que, no século XVII, foi percorrida pelas “entradas” que partiam de São Paulo, mas que não fora ocupada. O historiador inglês valoriza um verdadeiro *topos* da historiografia brasileira, empenhada em abordar a expansão para Oeste,<sup>36</sup> mas sem glorificar a figura do bandeirante, nem atribuir excessiva importância aos paulistas, tal como fazia a historiografia liderada por Afonso de Taunay.<sup>37</sup> Boxer quer mapear a formação do território brasileiro, em particular a expansão rumo ao planalto central, aos sertões do Nordeste e ao vale do Amazonas, sem deixar de tratar da luta portuguesa pela colónia de Sacramento e pelo domínio da margem esquerda do rio da Prata. Enfim, o livro traça um grande painel acerca do modo como se formou uma gigantesca massa territorial que acabou consagrada pelo tratado de Madrid, fenómeno incompreensível sem o deslocamento populacional, económico e político que a descoberta do ouro acarretou.

Boxer demonstra que o século XVIII luso-brasileiro é, por um lado, continuidade, e, por outro, ruptura em relação ao século XVII. Continuidade, porque a América portuguesa e o Atlântico Sul

Folha de rosto do Tratado de Madrid, firmado entre D. João V de Portugal e D. Fernando IV de Espanha a 13 de Janeiro de 1750.



## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

permanecem vitais para o Império Português, num momento em que a presença lusitana no Oriente já há muito havia sido reduzida dramaticamente. Mas é também ruptura, na medida em que os antigos núcleos povoadores, açucareiros e litorâneos, como Pernambuco

e a Baía, gradativamente vão perdendo centralidade em relação a Minas Gerais, ao Rio de Janeiro e mesmo São Paulo, embora as velhas regiões do açúcar permaneçam importantes, em particular a Baía, que foi a maior urbe lusitana do Novo Mundo durante todo o período

colonial. Boxer evidencia que as Minas, pela primeira vez na história da América portuguesa, atraíram não só grande contingente de portugueses mas também gente oriunda de São Paulo, da Baía e do Rio de Janeiro, o que tem grande impacto, inclusive na economia de

abastecimento de gêneros, vindos de muitas parte da América portuguesa, mesmo mueres do continente do Rio Grande, facilitando o domínio político sobre as regiões meridionais em disputa com Castela durante grande parte do Setecentos.

O que Boxer está a dizer é que, a despeito dos esforços da Coroa, o Brasil foi, ao menos em parte, autocolonizado, empregando para isso populações pobres, livres e mestiças, que não encontravam lugar na ordem escravocrata. Evaldo Cabral de Mello, comentando *The Golden Age of Brazil*, afirma que o “produto final” desse processo foi o “caipira”:

“Nossa ‘marcha para o Oeste’, seja ela na Amazônia, no Nordeste ou no Sudeste, onde também foi uma marcha para o Sul, foi sobretudo a fuga às dificuldades da economia escravista do litoral, funcionando como a válvula de escape que permitiu a consolidação do escravismo, assim como o êxodo rural permitiria, feita a Abolição, a sobrevida da grande propriedade.”<sup>38</sup>

## O BRASIL NO IMPÉRIO PORTUGUÊS: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

O Brasil está profundamente implicado no famoso livro de 1963, *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*.<sup>39</sup> Este livro é fruto de três conferências proferidas na Universidade da Virgínia, em 1962: “Marocco and West Africa”, “Moçambique and India” e “Brazil and Maranhão”. Ao abordar a questão racial, envolvendo os portugueses e os outros, os “povos de cor”, optou por abordar diferentes pontos do império. Utilizando-se de narrativas de colonos e padres, afirma Russel-Wood, o texto de Boxer “transmite com eficácia ao leitor o cinismo, o subterfúgio e a deturpação que eram inerentes ao modo como os colonos descreviam suas reacções aos índios”.<sup>40</sup> Referindo-se à América portuguesa, comenta as relações interétnicas nas áreas de forte presença indígena, como São Paulo e a Amazônia, ou negras, como a Baía e o Maranhão, destacando a existência da mestiçagem, mas empenhando-se diligentemente em evidenciar, sempre pautado pelas fontes, as práticas discricionárias fundadas na origem étnica e na cor, num debate implícito, mas vigoroso, com Gilberto Freyre.



“Planta da Restituição da Bahia”, por Joao Teixeira Albernaz (1631).

## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

## IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

Boxer procurou demonstrar que as pessoas de “sangue infecta” ou com “defeito de sangue”, mesmo quando livres e até proprietárias, tinham as suas possibilidades restritas, pois “o padrão social que prevalece era aquele da consciência da superioridade branca”.<sup>41</sup> Este livro teve particular importância no Brasil, pois ajudou a questionar a composição do caldo de cultura a respeito da suposta tendência dos portugueses para a miscigenação, pressupostos defendidos por Gilberto Freyre, segundo o qual a sociedade brasileira tendia à democracia racial. Daí nasceram as teses luso-tropicais. Explorei essa questão com detalhe em artigo recente, bem como o fez Diogo Ramada Curto.<sup>42</sup> O tema relativo aos contactos entre os colonizadores e as gentes de outros continentes, e a consequente mestiçagem, não aparece apenas em *Race Relations*, mas de uma ou outra forma está em quase todas as obras de Boxer, especialmente em *The Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda, 1510-1800* (1965), *Mary and Misogyny: Women in Iberian Expansion Overseas*<sup>43</sup> (1975) e *The Church Militant and Iberian Expansion*<sup>44</sup> (1978).

Em 1965, Charles Boxer publicou *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*.<sup>45</sup> Este livro – menos conhecido no ambiente historiográfico brasileiro e jamais traduzido para português – demonstra a largura do conhecimento histórico de Boxer e a sua capacidade de conectar múltiplas dimensões históricas. Não se pode entender o império holandês, especialmente do século XVII, sem reconhecer e mapear a fricção com os outros impérios europeus, em particular o português, seja no Atlântico, seja no Oriente. *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800* e *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825* são livros aparentados e complementares, nos quais Boxer realiza grandes sínteses. Neles, a formação brasileira aparece perspectivada como parte da grande expansão europeia no ultramar.

Passado mais de meio século sobre a publicação de *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola*, *The Dutch in Brazil* e *The Golden Age of Brazil* pode-se perguntar qual foi o legado dessas obras para a historiografia brasileira. Esta pergunta ainda está por ser respondida e este artigo apenas esboça a discussão, que requer uma acurada análise interna e externa da produção de Boxer. Mas podemos argumentar que a abordagem supranacional da história luso-brasileira é uma das mais significativas contribuições. Este veio

só começou a ser explorado, no Brasil, a partir da década de 1990, seguindo uma vaga mais geral da historiografia ocidental, que se nota desde as décadas de 1960 e 1970. Cabe ainda lembrar que esses livros estão fora de catálogo, tanto no Brasil, como em Portugal, o que é particularmente grave no caso do mercado editorial brasileiro. É inconcebível que os leitores de língua portuguesa não tenham acesso a essas obras, em traduções bem cuidadas, anotadas e comentadas.

A grande contribuição de Boxer para os historiadores brasileiros – concorda Evaldo Cabral de Mello – está no seu olhar imperial, o que permitiu enxergar a historicidade do Brasil colonial em conexão com outras áreas do Império Português, como a África, mas também os contactos entre o império português e o espanhol. Mapear esses contactos, atendendo a contribuições de historiadores brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda e Alice Canabrava, ou norte-americanos especializados na América hispânica, como Lewis Hanke (1905-1993), permitiu a Boxer um olhar abrangente, capaz de conectar as partes. Vale a pena registrar a observação de Evaldo Cabral de Mello:

“Que a um historiador inglês devam Portugal e o Brasil a primeira obra de conjunto acerca da expansão colonial do velho reino, constitui algo merecedor de alguma surpresa e, sobretudo de reflexão [...]. A abordagem supranacional da história luso-brasileira foi assim deixada a estrangeiros [...]. A Boxer cabe boa parte do crédito pelo reconhecimento de que as histórias portuguesa e brasileira tornam-se separadamente ininteligíveis e pela tendência, que já se detecta na historiografia mais recente, de saltar este fosso, como acaba de fazer Luiz Felipe de Alencastro em *O Trato dos Viventes* ...”<sup>46</sup>

Essa abordagem do Império português – livre de esquemas teóricos rígidos e da tendência ao economicismo, que muitas vezes empobreceu a historiografia marxista, e também livre do peso das agendas historiográficas nacionalistas – habilitou Charles Boxer a ver as partes do Império como integrantes de um grande corpo político, económico e cultural, sem deixar de reconhecer as especificidades locais de cada continente, de cada região e de cada contexto temporal. O facto de conhecer a história dos outros impérios modernos, especialmente o holandês, mas também o inglês e o espanhol, certamente lhe enriqueceu significativamente o olhar. Em *The Church*

*Militant e Mary and Misogyny: Women in Iberian Expansion*, escritos na sua última fase produtiva, Boxer esforçou-se em comparar os Impérios português e espanhol. Perspectiva ainda pouco explorada. Ainda hoje, os leitores não dispõem de comparações entre esses impérios, tal como John Elliott viria a escrever ao comparar o império espanhol e o inglês.<sup>47</sup>

Charles Boxer soube também evitar a sobrevalorização do Estado, à maneira de Raimundo Faoro,<sup>48</sup> ou o peso excessivo da família patriarcal e a transigência lusitana em relação ao homem tropical, como em Gilberto Freyre,<sup>49</sup> ou ainda aprisionar-se a um “sentido da colonização”, cuja explicação parte da expansão do capitalismo comercial, como em Caio Prado Jr.<sup>50</sup> Se Boxer não cedeu ao perigo do economicismo, foi um historiador atento ao peso da escravidão e do colonialismo, razão pela qual autores marxistas como Caio Prado Jr. e Vitorino Magalhães Godinho foram lidos e considerados. Aliás, não se deve esquecer que Boxer e Godinho estiveram entre os historiadores que se ergueram contra os ideólogos do salazarismo, estes últimos defensores da mestiçagem e da missão civilizadora dos portugueses.<sup>51</sup> A temática imperial teve impacto político na década de 1950, tempo em que o movimento pela descolonização se tornou irrefreável, colocando em xeque o que restava dos grandes impérios erigidos pelos europeus na Época Moderna.

Boxer não partia de grandes esquemas interpretativos *apriorísticos*, nem deixava as evidências documentais serem sufocadas por estruturas teóricas, nem produziu um pensamento marcado por um espírito teleológico. Mas é preciso notar um traço fundamental da sua obra: o facto de evitar apriorismos teóricos e se fiar no domínio da documentação e na construção criteriosa de contextos, não o impedia de interpretar de modo frequentemente original. Apesar de notável esforço empírico e erudito, Boxer conhecia a historiografia. Nos seus grandes livros sobre o Brasil – escritos na década de 1950, princípios de 1960 – Boxer citava os historiadores brasileiros já consagrados, como Varnhagen, Capistrano de Abreu, Afonso de Taunay e Gilberto Freyre (mesmo seu contemporâneo, já era um autor reputado na altura), mas também José Honório Rodrigues (seu amigo pessoal) e os ainda não consagrados Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. o que evidencia a sua atenção à cena intelectual brasileira.

A obra de Boxer – sem ser estruturalista – foi, no entanto, marcada por abordagens largas, no espaço e no tempo, e nisso é resolutamente diferente da historiografia pós-estruturalista, na qual os historiadores das décadas de 1960 e 1970 foram educados, caracterizada pelo que François Dosse chamou de “história em migalhas”,<sup>52</sup> com abordagens verticais e recortes temporais e espaciais restritos, atentos a linguagem e a diferença, muito diferente de Boxer, que criava painéis de épocas, bem contextualizados e documentados, mas forçosamente porosos, implicando em eventuais generalizações. Depois da contribuição da micro-história e de outras tendências recentes da historiografia ocidental, revisitar a obra de Boxer, com a sua visão horizontal, soa estranho ao leitor contemporâneo, alheio ou mesmo hostil às grandes sínteses interpretativas, capazes de representar a floresta, mas sem conseguir distinguir a árvore. Eis aqui, precisamente, a força (e, se quisermos, a fraqueza) da sua obra.

*A grande contribuição de Boxer para os historiadores brasileiros [...] está no seu olhar imperial, o que permitiu enxergar a historicidade do Brasil colonial em conexão com outras áreas do Império Português, como a África*

Nos últimos anos, a discussão sobre os impérios modernos tem assumido certa relevância na historiografia de língua inglesa, historicamente interessada nessa temática. Questões em torno das concepções de poder e das inter-relações entre as partes do império, envolvendo europeus e não europeus no interior desse processo, têm recebido crescente atenção. A publicação de uma série de títulos, como *Peripheries and Center: (Jack Greene)*,<sup>53</sup> *Empires of the Atlantic World (John Elliott)*,<sup>54</sup> *Lords of all the World (Anthony Padgen)*,<sup>55</sup> aponta neste sentido. *Portuguese Oceanic Expansion*, dos historiadores portugueses Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto,<sup>56</sup> originalmente direccionado ao

## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

## IN MEMORY OF CHARLES R. BOXER

público de língua inglesa e posteriormente publicado em português, conforma a força e a actualidade desse veio historiográfico, já explorado por Boxer. Nos Estados Unidos, Russel-Wood publicou *A World on the Move: The Portuguese in Africa, Asia and America, 1415-1808*<sup>57</sup> (1998) e Dauril Alden *The Making of an Enterprise. The Jesuits in Portugal, its Empire and Beyond, 1540-1750*.<sup>58</sup> Russel-Wood e Alden possuem trajetórias pessoalmente marcadas pelo contacto com Boxer. Dauril Alden, inclusive, é autor de uma alentada biografia, intitulada *Charles R. Boxer: An Uncommon Life. Soldier, Historian, Teacher, Collector, Traveller*<sup>59</sup> (2001).

Também no Brasil e em Portugal se intensificaram, nas últimas duas décadas, o debate historiográfico e o interesse pela história do Império Português. No caso brasileiro, consolidou-se a percepção de que a América Portuguesa integrou activamente um vasto império ultramarino, participando de múltiplas redes políticas, económicas e culturais. Os estudos sobre o Brasil colonial têm utilizado cada vez mais, explícita ou implicitamente, o conceito de Império, a fim de compreender a dinâmica ultramarina portuguesa. Um dos desdobramentos historiográficos desta leitura é a percepção de que o Atlântico Sul, a partir do século XVII, se erigiu como o pólo mais dinâmico do Império, formando um sistema próprio. Luiz Felipe de Alencastro, em *O Trato dos Viventes*<sup>60</sup> (2000), foi quem levou mais longe tal interpretação, afirmando a impossibilidade de se compreender o Brasil sem levar em conta as intensas relações entre as duas margens do Atlântico Sul, um veio aberto por Boxer em *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola*, cuja centralidade da África, especialmente Angola, no entendimento do Brasil colonial, é absolutamente manifesto. Essa agenda também aparece em Manolo Florentino, *Em Costas Negras*<sup>61</sup> (1997), em Alberto da Costa e Silva, autor de livros importantes, como *Um rio chamado Atlântico* (2003) e *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*<sup>62</sup> (2004), e em Jaime Rodrigues, no excelente *De costa à costa* (2005).<sup>63</sup> São obras que confirmam a vitalidade da agenda historiográfica aberta por Charles Boxer.

Em Portugal, o tema do Império também tem sido objecto de uma renovada historiografia, já livre das heranças salazaristas e enriquecida pelo debate com outras tradições intelectuais, interessadas em compreender tanto a multiplicidade como a

especificidade do Império Português. Em 1998, Francisco Bethencout e Kirthi Chaudhuri organizaram em cinco volumes a alentada *História da Expansão Portuguesa*.<sup>64</sup> A obra colectiva busca pensar as relações entre Portugal e os territórios ultramarinos nas suas múltiplas conexões. Ao lado das clássicas questões económicas e políticas aparecem temas religiosos, artísticos, arquitectónicos e literários. Luís Filipe Thomaz, autor de *De Ceuta a Timor* (1994), realizou uma renovada abordagem do funcionamento do Estado da Índia no século XVI, a partir de um império polimórfico e estabelecido através das relações entre portos no Oriente. Este trabalho levanta questões importantes, como a tensão entre modelos centralizadores e descerebrados, ou polissinodais, estruturados a partir de redes: “a maior parte dos impérios assentou a sua unidade política sobre uma unidade económica e cultural – o que pressupõe a circulação de bens, pessoas e ideias, logo um sistema de comunicações, uma estrutura de rede.”<sup>65</sup> Essa perspectiva teórica também deitaria raízes no Brasil.

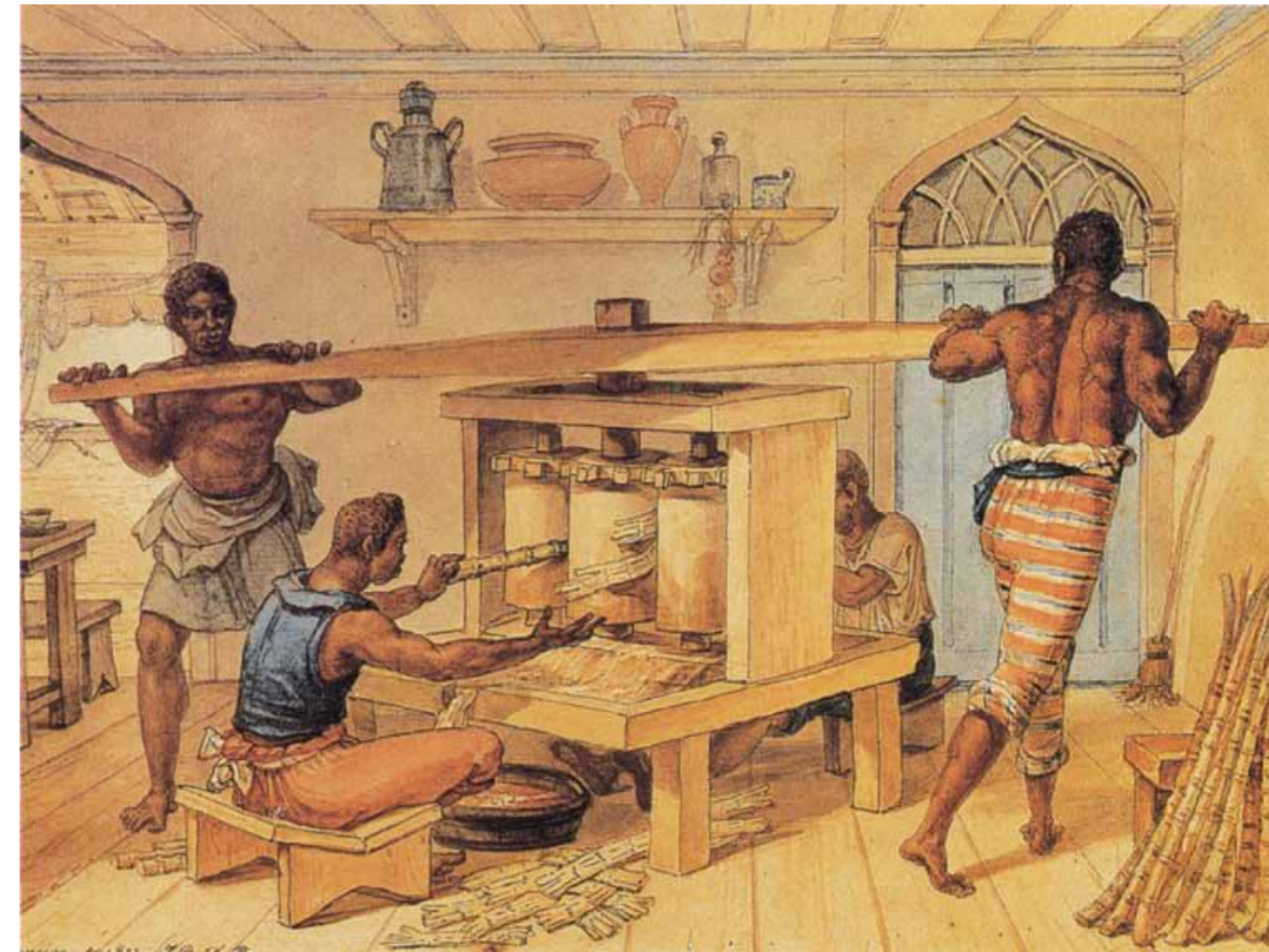
Sob influência de António Manuel Hespanha, a publicação de *O Antigo Regime nos Trópicos* (2001) – organizada no Rio de Janeiro por João Frago, Maria Fernanda Bicalho e Maria de Fátima Gouvêa<sup>66</sup> – produziu nova compreensão acerca do funcionamento do Estado português e da participação das elites locais na administração. Conceitos como os de “redes imperiais” e “paradigma de acção político-administrativa” orientam esses trabalhos. Tratar-se-ia de um “governo polissinodal”, formado por uma complexa rede de instituições, jurisdições e práticas de governo, que teria limitado o poder real, num mundo assente na hierarquia e no privilégio, no qual o público e o privado eram fundamentalmente indistintos, em que actos informais e arranjos circunstanciais dos poderes locais foram decisivos.<sup>67</sup> Tal abordagem teórica introduz a ideia de que o mundo colonial se havia constituído numa sociedade regida pelo signo do antigo regime. Essa perspectiva analítica acabou por valorizar *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda, 1510-1800*,<sup>68</sup> obra publicada por Boxer em 1965 e, inexplicavelmente, jamais traduzida, quer no Brasil, quer em Portugal. Stuart Schwartz refere-se ao texto como “um pequeno, mas fundamental livro de história comparada, repleto de *insights* e sugestões a respeito do papel do governo local no sistema imperial português”.<sup>69</sup>

De certo modo, nos Estados Unidos, historiadores como Russel-Wood, em *Fidalgos and Philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755* (1968),<sup>70</sup> Stuart Schwartz, em *Sovereignty and Society in Colonial Brazil: The High Court of Bahia and Its Judges, 1609-1751* (1973),<sup>71</sup> e Dauril Alden, em *Royal Government in Colonial Brazil: With Special Reference to the Administration of the Marquis of Lavradio, Viceroy, 1769-1779*,<sup>72</sup> já haviam percorrido o caminho proposto por Boxer, que os historiadores do Rio de Janeiro fizeram. Em Portugal, Romero Magalhães, em *Labirintos Brasileiros* (2011) e “Reflexões sobre a estrutura municipal portuguesa e a sociedade colonial

portuguesa” (1986)<sup>73</sup> também pode ser considerado tributário da discussão esposada em *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda, 1510-1800*.

Em São Paulo, Laura de Melo e Souza retoma aspectos relacionados ao Império e a administração. Em *O Sol e a Sombra: Política e Administração na América Portuguesa do Século XVIII*<sup>74</sup> a historiadora questiona a “nova voga do império”, derivada das leituras de António Manuel Hespanha, criticando, consequentemente, *O Antigo Regime nos Trópicos*.<sup>75</sup> O excessivo apego ao esquema polissinodal teria levado ao enfraquecimento do papel do Estado. Essa análise pensa

“Engenho manual que faz caldo de cana”, in Jean-Baptiste Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* (Paris: Firmin Didot, 1834).



## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

a ambivalência do poder metropolitano, enfatizando a natureza política e a prática concreta da administração, conferindo importância às ambiguidades, *nuances* e contradições nas formações sociais sob o nexos colonial. Ela propõe a compreensão de uma realidade cambiante, em que a ordem metropolitana tentava permanentemente impor-se sob diferentes estratégias autorizadas pelas circunstâncias, gerando “outra” totalidade. A autora discute criticamente o “sentido da colonização” (Caio Prado Jr.)<sup>76</sup> e o conceito de “antigo sistema colonial” (Fernando Novais),<sup>77</sup> chamando a atenção para a centralidade da escravidão no mundo colonial, o que teria diferenciado a formação brasileira da metropolitana.

Tanto nos citados *O Antigo Regime nos Trópicos* (2001) ou em *O sol e a sombra* (2007) ou ainda na coletânea intitulada *O Governo dos Povos* (2009), entre outras obras, a herança intelectual de Charles Boxer aparece valorizada e revisitada. A retomada das

discussões acerca da dinâmica imperial portuguesa e o declínio de explicações profundamente marcadas pela dimensão econômica levaram à retomada do prestígio intelectual de Charles Boxer no Brasil, depois de um relativo ostracismo no período entre a década de 1960 e a de 1980, período que repercutiu a audiência e a hegemonia da obra de Caio Prado Jr., fortemente marcada pela expansão do capitalismo comercial. A visão alternativa em relação àquela proposta pela “escola paulista”, na qual também pontificava Florestan Fernandes, residia na interpretação de Gilberto Freyre, que leu o período colonial através do prisma da família patriarcal e da mestiçagem, que teriam marcado a formação social brasileira. Essa leitura também destoava daquela que o historiador inglês faria, pois, lembra-nos Laura de Mello e Souza, “Boxer não se esquecia de uma das principais peculiaridades daquele Império, e, invocando o escravismo, criticava Gilberto Freyre no tocante às facilidades de ascensão social dos negros”.<sup>78</sup> **RC**

## NOTAS

- 1 Não é possível datar de forma precisa o surgimento do que, no Brasil, se tem chamado de “brasilianistas”, para designar acadêmicos estrangeiros especializados em assuntos brasileiros. Podemos, no entanto, afirmar que o fenômeno se tornou particularmente intenso nos anos 60, num contexto histórico marcado pela Guerra Fria e pela Revolução Cubana, que levou o governo dos Estados Unidos a aumentar significativamente os recursos para as pesquisas destinadas ao estudo da América Latina, de modo geral, e ao Brasil, de modo particular.
- 2 Ver Maicon Vinícius da Silva Carrijo, *O Brasil e os brasilianistas nos circuitos acadêmicos norte-americanos*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2007.
- 3 Ver Lúcia Ricotta, “A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de La Nature*, de Ferdinand Denis”. *Revista USP*, São Paulo, n.º 91, Set./Nov. 2011, pp. 112-124; Jean-Claude Laborie, “Estudo de mediações: o caso Ferdinand Denis”. *Ponto-e-virgula*, n.º 13, 2013, pp. 66-77.
- 4 Ver Alberto Venâncio Filho, “Henri Hauser e o Brasil”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, Vol. 158, n.º 396, Jul./Set 1997, pp. 887-893; Marieta de Moraes Ferreira, “Os professores franceses e a redescoberta do Brasil”. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, ano xi, n.º 43, 2005, pp. 227-246.
- 5 Ver Jean-Pierre Le Boulter, *Pierre Fatumbi Verger: um homem livre*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2002; Angela Lühning, “Pierre Fatumbi Verger e sua obra: uma homenagem”. *Afro-Ásia*, Salvador, Vol. 21/22, 1999, pp. 315-364; Angela Lühning (org.), *Verger/Bastide: Dimensões de uma amizade*. Salvador: Bertrand Brasil, 2002; Pierre Verger, Alex Baradel, Tasso Franco, *O Brasil de Pierre Verger*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2006.

- 6 Liana Maria Salvia Trindade, *A produção intelectual de Roger Bastide. Análise documental e indexação*. São Paulo: Centro de Estudos de Sociologia da Arte, USP, 1985; Maria Isaura Pereira de Queiróz “Roger Bastide e o Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online], 2001; Fernanda Arêas Peixoto, *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2000; Maria Lúcia de Santana Braga, “A recepção do pensamento de Roger Bastide no Brasil”. *Sociedade e Estado*, Vol. 15, 2000, pp. 331-360 [online].
- 7 Ver Luís Corrêa Lima, *Fernand Braudel e o Brasil: vivência e brasilianismo (1935-1945)*. São Paulo: EDUSP, 2009; Marcos Antônio Lopes (org.), *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008; Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Braudel, o mundo e o Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003. Fernando Novais, “Braudel e a ‘missão francesa’”. *Estudos Avançados*, Vol. 8, n.º 22, Set./Dez. 1994.
- 8 Didier Eribon, *De perto e de longe: Claude Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990; Patrick Wilcken, *Claude Lévi-Strauss: O poeta no laboratório*. Rio de Janeiro: Objectiva, 2011; Claude Lévi-Strauss. *Longe do Brasil: Claude Lévi-Strauss*, entrevista com Véronique Mornaigne. São Paulo: UNESP, 2011.
- 9 Ver Robert Southey, *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1997; Maria Odila da Silva Dias, *O fardo do homem branco: Southey historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- 10 Ver John Armitage, *The History of Brazil from the Arrival of the Braganza Family in 1808, to the Abdication of Don Pedro the First in 1831*. Londres: Smith, Elder and Co., 1936 (trad. brasileira: *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1977); Flávia Florentino Varella,

*Da impossibilidade e aprender com o passado: sentimento, comércio e escrita da história na História do Brasil de John Armitage*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.

- 11 Edgar Prestage, *The Diplomatic Relations of Portugal and England from 1640 to 1668*. Watford: Voss & Michael, 1925; idem, *The Diplomatic Relations of Portugal with France, England and Holland from 1640 to 1668*. Watford: Voss & Michael, 1925; idem, *The Portuguese Pioneers*. Londres: A. & C. Black, 1933.
- 12 Charles R. Boxer, “Edgar Prestage, 1869-1951”. *Proceedings of the British Academy*, Vol. 44, 1958, pp. 199-205.
- 13 Evaldo Cabral de Mello, “O Século mais agreste”, in *Um imenso Portugal: história e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 273.
- 14 Kenneth R. Maxwell, “The C. R. Boxer Affaire: Heroes, Traitors, and the Manchester Guardian”. *Notícia e Opinião*, Mar. 16, 2001.
- 15 Ver Dauril Alden, *Charles R. Boxer: An Uncommon Life. Soldier, Historian, Teacher, Collector, Traveller*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.
- 16 Charles R. Boxer, *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825*. Londres: Hutchinson, Nova Iorque: Knopf, 1969 (trad. brasileira: *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; trad. portuguesa: *O Império Colonial Português, 1415-1825*. Lisboa: Edições 70, 1977, *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. Lisboa: Edições 70, 2011. Introd. de Diogo Ramada Curto).
- 17 Stuar B. Schwartz, “Religião popular e a Igreja militante: Novos rumos no estudo do Brasil colonial”. In Stuar B. Schwartz e Erik Myrup, *O Brasil no império marítimo português*. Bauru, SP: EDUSC, 2009, p. 452.
- 18 Charles R. Boxer, *Fidalgos in the Far East 1550-1770: Fact and Fancy in the History of Macao*. Haia: M. Nijhoff, 1948 (2.ª ed. revista, Hong Kong e Londres: Oxford Press, 1968; trad. portuguesa: *Fidalgos no Extremo Oriente, 1550-1770: Factos e Lendas de Macau Antigo*. Macau: Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1990).
- 19 Charles R. Boxer, *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Berkeley: University of California Press, 1951.
- 20 Charles R. Boxer, *Jan Compagnie in Japan, 1660-1817*. Haia: M. Nijhoff, 1936 (ed. revista: Tóquio e Londres: Oxford University Press, 1968); idem, *Fidalgos in the Far East, 1550-1770...*, cit.
- 21 Dauril Alden, “Charles R. Boxer e The Church Militant”. In Stuar B. Schwartz e Erik Myrup, *O Brasil no império marítimo português*, cit.
- 22 Charles R. Boxer, *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-1686*. Londres: Athlone Press, 1952 (trad. brasileira: *Salvador de Sá e a Luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973).
- 23 Charles R. Boxer, *The Dutch in Brazil, 1624-1654*. Oxford: Clarendon Press, 1957 (trad. brasileira: *Os Holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961).
- 24 Joaquim Romero Magalhães, “Algumas notas sobre *The Portuguese Seaborne Empire, 1415-1825*”. In Stuar B. Schwartz e Erik Myrup. *O Brasil no império marítimo português*, cit., p. 535.
- 25 Francis A. Dutra. “Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e a Angola de Charles Boxer: cinquenta anos depois”. In Stuar B. Schwartz e Erik Myrup, *O Brasil no império marítimo português*, cit., p. 14.
- 26 Charles R. Boxer, *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola...*, cit., p. 391.
- 27 André João Antonil (1649-1716), jesuíta italiano, que chegou à Baía em 1681, possivelmente por intermédio de Pe. Antônio Vieira. Em 1711 publica a obra *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, logo proibida e confiscada. Trata-se de uma das mais importantes crônicas do período colonial. Ver André João Antonil. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Introdução e notas de André Mansuy Diniz Silva. São Paulo: EDUSP, 2007.

- 28 Ao longo da vida, desde os anos de 1930, Boxer alimentava a sua biblioteca adquirindo cartas, manuscritos e coleções clássicas de escritos do Pe. Vieira, inclusive a primeira edição dos seus *Sermões*, publicada em Lisboa, em 14 volumes, entre 1679 e 1714. Em 1947, Boxer publica as cartas de Vieira e um artigo sobre o jesuíta.
- 29 Dauril Alden, “Charles R. Boxer e The Church Militant”, cit., p. 386.
- 30 Ver Dauril Alden, *The Making of an Enterprise. The Jesuits in Portugal, its Empire and Beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996.
- 31 José Antônio Gonsalves Mello, *Tempo dos Flamengos*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1987.
- 32 Evaldo Cabral de Mello, *Olinda Restaurada. Guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. Rio de Janeiro: Forense/São Paulo: EDUSP, 1975. Ver ainda idem, *Rubro Veio: O imaginário da restauração pernambucana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- 33 Evaldo Cabral de Mello (org.), *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 34 Charles R. Boxer, *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: Growing Pains of Colonial Society*. Berkeley: University of California Press, 1962 (Trad brasileira: *A Idade de Ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963/ Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000).
- 35 Ver Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- 36 Até a década de 1950, personificada na figura de Afonso de Taunay – autor da *História Geral das Bandeiras Paulistas*, em 11 volumes, obra que Boxer conhecia bem – a historiografia brasileira, particularmente a produzida em São Paulo, gastou milhares de páginas no tema da expansão para Oeste e no alargamento das fronteiras, glorificando a figura do bandeirante, desbravador (e predador de índios). O Museu Paulista, organizado por Taunay nas décadas de 1920 e 1930, reproduz essa leitura da história do Brasil, que Boxer ou discordaria ou matizaria. Sobre Afonso de Taunay e o bandeirismo, ver Antônio Celso Ferreira, *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002; Karina Anhezini, *Um método à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011. Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Afonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- 38 Evaldo Cabral de Mello, “O Século mais agreste”. In *Um imenso Portugal...*, cit., p. 279.
- 39 Charles R. Boxer, *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire, 1415-1825*. Londres: Oxford, University Press, 1963 (trad. brasileira: *Relações Raciais no Império Colonial Português 1415-1825*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1967).
- 40 A. J. R. Russell-Wood, “O uso de fontes literárias por Charles Boxer no estudo das relações raciais no Brasil e no Maranhão”. In Stuar B. Schwartz e Erik Myrup, *O Brasil no império marítimo português*, cit., p. 472.
- 41 Charles R. Boxer, *Relações raciais no Império Português...*, cit., p. 40.
- 42 Alberto Luiz Schneider, “Charles Boxer (contra Gilberto Freyre): raça e racismo no Império Português ou a erudição histórica contra o regime salazarista”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 26, n.º 52, Jul./Dez. 2013; Diogo Ramada Curto, “The Debate on Race Relations in the Portuguese Empire and Charles R. Boxer’s Position”. *E-journal of Portuguese History*, Vol. 11, n.º 1, 2013, pp. 1-63.
- 43 Charles R. Boxer, *Mary and Misogyny: Women in Iberian Expansion Overseas, 1440-1770*. Londres: Duckworth, 1975 (trad. portuguesa: *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica, 1415-1815*. Lisboa: Livros Horizontes, 1977).
- 44 Charles R. Boxer, *The Church Militant and Iberian Expansion, 1440-1770*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1978 (trad. brasileira: *Igreja militante e a expansão Ibérica, 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007).



## EM MEMÓRIA DE CHARLES R. BOXER

- 45 Charles R. Boxer, *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*. Nova Iorque: Alfred Knopf, 1965.
- 46 Evaldo Cabral de Mello, “O Século mais agreste”. In *Um imenso Portugal...*, cit., p. 276.
- 47 J. H. Elliott, *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America 1492-1830*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- 48 Ver Raimundo Faoro, *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro*. Porto Alegre/São Paulo: Globo/EDUSP, 1975.
- 49 Gilberto Freyre, *Manifesto Regionalista. Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002. [1933].
- 50 Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo* [1942]. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 51 Ver Diogo Ramada Curto, “O atraso historiográfico português”. In Charles R. Boxer, *Opera Minora*, Vol. III – *Historiografia/Historiography*. Lisboa: Fundação Oriente, 2002.
- 52 Ver François Dosse, *A História em migalhas: Dos Annales à Nova História*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- 53 Jack Greene, *Peripheries and Center: Constitutional Development in the Extended Polities of the British Empire and the United States, 1607-1788*. Athens: University of Georgia Press, 1986.
- 54 J. H. Elliott, *Empires of the Atlantic World*, cit.
- 55 Anthony Padgen, *Lords of all the World: Ideologies of Empire in Spain, Britain, and France, 1500-1800*. New Haven: Yale University Press, 2006.
- 56 Francisco Bethencourt, Diogo Ramada Curto, *Portuguese Oceanic Expansion, 1400-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 (ed. portuguesa: *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*. Lisboa: Edições 70, 2010).
- 57 A. J. R. Russell-Wood, *A World on the Move: The Portuguese in Africa, Asia and America, 1415-1808*. Baltimore: Johns Hopkins, 1992 (trad. portuguesa: *Um Mundo em Movimento. Os Portugueses na África, Ásia e América, 1415-1808*. Lisboa: Difel, 1998).
- 58 Dauril Alden, *The Making of an Enterprise...*, cit.
- 59 Dauril Alden, *Charles R. Boxer: An Uncommon Life...*, cit.
- 60 Ver Luiz Felipe Alencastro, *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 61 Manolo Florentino, *Em costas negras: Uma história do tráfico de escravos ente a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- 62 Alberto da Costa e Silva, *Um rio chamado Atlântico: A África e o Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003; idem, *Francisco Félix de Souza, mercador de escravos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.
- 63 Jaime Rodrigues, *De costa à costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 64 Francisco Bethencourt e Kirthi Chaudhuri (orgs.), *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1998; Francisco
- Bethencourt, “A América Portuguesa”, in *ibidem*, Vol. III – *O Brasil na Balança do Império, 1697-1808*; A. J. R. Russell-Wood, “Governantes agentes”, in *ibidem* Vol. III – *O Brasil na Balança do Império, 1697-1808*.
- 65 Luís Felipe Thomas, *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1994, p. 208.
- 66 Ver João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima S. Gouvêa (orgs.), *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; Ronaldo Vaifas, Rodrigo Bentes Monteiro (orgs.), *Império de várias faces: Relações de poder no mundo ibérico da Época Moderna*. São Paulo: Alameda, 2009; Laura de Mello e Souza, Júnia Ferreira Furtado; Maria Fernanda Bicalho (orgs.), *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda, 2009.
- 67 Ver António Manuel Hespanha, *As Vésperas do Leviathan: Instituições e Poder Político. Portugal –Séc. XVII*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- 68 Charles R. Boxer, *Portuguese Society in the Tropics. The Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia, and Luanda, 1510-1800*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.
- 69 Stuart B. Schwartz, “Religião popular e a Igreja militante. Novos rumos no estudo do Brasil colonial”. In Stuart B. Schwartz e Erik Myruo, *O Brasil no império marítimo português*, cit., p. 450.
- 70 A. J. R. Russell-Wood, *Fidalgos and philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Berkeley: University of California Press, 1968 (trad. brasileira: *Fidalgos e filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981).
- 71 Stuart B. Schwartz, *Sovereignty and Society in Colonial Brazil: The High of Bahia and its Judges, 1609-1751*. Berkeley: University of California Press, 1973 (trad. brasileira: *Burocracia e sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Perspectiva, 1979).
- 72 Dauril Alden, *Royal Government in Colonial Brazil: With Special Reference to the Administration of the Marquis of Lavradio, Viceroy, 1769-1779*. Berkley: University of California Press, 1968.
- 73 Joaquim Romero Magalhães, *Labirintos Brasileiros*. São Paulo: Alameda, 2011; idem, “Reflexões sobre a estrutura municipal portuguesa e a sociedade colonial portuguesa”. *Revista de História Económica e Social*, n.º 16, 1985.
- 74 Ver Laura de Mello e Souza, *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 75 Ver João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho, Maria de Fátima S. Gouvêa (orgs.), *O Antigo Regime nos trópico...*, cit.
- 76 Prado Jr., Caio, *Formação do Brasil contemporâneo* cit..
- 77 Fernando Novais, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- 78 Laura de Mello e Souza, “Política e administração colonial: problemas e perspectivas”. In Laura de Mello e Souza, Júnia Ferreira Furtado, Maria Fernanda Bicalho (orgs.), *O governo dos povos*, cit., p. 73.

## Charles Ralph Boxer e João de Barros

JORGE BRUXO\*, LURDES ESCALEIRA\*\*

## INTRODUÇÃO

Apesar de separados por quatro séculos, Barros (século XVI) e Boxer (século XX) têm vários pontos em comum, tais como o facto de cada um deles ter trabalhado mais de meio século para a História dos Portugueses no Oriente, de os dois terem tido preocupações didácticas e, cumulativamente, experiências profissionais que nada tinham a ver com a escrita, em particular a escrita da História, em que se revelaram mestres consagrados.

Além disso, ambos despertaram um grande interesse pelo conhecimento do homem e da obra, tendo daí surgido importantes biografias, tais como *João de Barros: Vida e Obra* (1778), da autoria de Manuel Severim de Faria e *Charles R. Boxer: An Uncommon Life. Soldier, Historian, Teacher, Collector, Traveller* (2001), escrita por Dauril Alden.

Como historiador da expansão europeia dos séculos XVI e XVII, especialmente a portuguesa e a

holandesa, Boxer socorre-se, naturalmente, daqueles que considera os melhores cronistas coevos da gesta dos descobrimentos marítimos portugueses: Gaspar Correia, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda e João de Barros. E este último, nas suas próprias palavras, foi “incontestavelmente o mais importante dos quatro cronistas referidos”.<sup>1</sup>

Esta sua admiração pelo legado de João de Barros, que classifica de cronista oficial dos Descobrimentos Portugueses e, simultaneamente, um dos maiores humanistas portugueses do século XVI, leva Boxer a dedicar-se ao estudo da vida e obra do cronista português. Nos seus trabalhos de escrita da História, serviu-se das *Décadas da Ásia* de João de Barros, classificando esta obra como uma fonte credível e o autor um escritor fidedigno, com condições para transmitir bem fundadas informações de um extremo ao outro do Império Português, considerando-a como um “modelo para a sua inspiração pessoal”.<sup>2</sup>

A exaltação de João de Barros é evidente e materializa-se na obra publicada pelo Xavier Centre of Historical Research, de Goa, no ano de 1981, com o título *João de Barros: Portuguese Humanist and Historian of Asia*,<sup>3</sup> mais tarde traduzida para português<sup>4</sup> e publicada pelo CEPESA, em Lisboa, no ano de 2002.

Boxer revela as suas opiniões sobre a obra do humanista, considerando-a de elevado interesse, em especial as *Décadas da Ásia*, e afirma que “é mesmo de ter pena dos historiadores modernos interessados na Ásia do século XVI que tentem ignorar Barros”,<sup>5</sup> autor que proporciona um contexto histórico e um cuidadoso cenário geográfico. Embora, aqui e além, vá revelando apreciar o estilo da escrita de João de Barros, visto dentro dos condicionalismos temporais em que ele viveu, escusou-se a comentá-lo, ao escrever:

\* Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, concluiu o mestrado em Língua e Cultura Portuguesa na Universidade de Macau. Publicou, como autor ou co-autor, vários artigos e livros.

*Graduate in Law, Faculty of Law, University of Lisbon; M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau. His publications include a variety of papers and books, both as author and co-author.*

\*\* Licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto e em Gestão e Administração Pública pela Universidade de Macau. É Mestre em Gestão e Administração Pública. Doutorou-se em Didáctica das Línguas na Universidade do Porto. É docente do Instituto Politécnico de Macau. É autora de vários artigos e do livro *Ensino da Tradução em Macau: Dos Currícula Propostos à Realidade de Mercado* (2013).

*Graduate in Philosophy from Oporto University and in Management and Public Administration from the University of Macau; M.A. in Management and Public Administration; Ph.D. in Didactics of Languages from Oporto University. Currently lecturing at the Macao Polytechnic Institute. She has published various articles and the book Tradução em Macau: Dos Currícula Propostos à Realidade de Mercado (2013).*